

CONSIDERAÇÕES A RESPEITO DA ESCRAVA ISAURA ⁽¹⁾

Luiz Antônio de Figueiredo

A presente análise tem como finalidade enfocar alguns aspectos d'A *Escrava Isaura* um dos romances mais conhecidos de Bernardo Guimarães. Nosso objetivo último será delinear a *atitude abolicionista* revelada pelo Autor através da natureza do relacionamento de uma escrava (Isaura) com seus proprietários (Leôncio e Malvina, principalmente o primeiro); da maneira pela qual foi tratado o "espaço" dentro do relato; e da técnica narrativa adotada por Guimarães, bem como sua obediência às premissas básicas do movimento romântico.

Vejamos, pois, o que há de autêntico na atitude abolicionista do narrador. Como é fácil verificar, no momento em que se evidencia a superioridade de Isaura-indivíduo sobre Isaura-coletividade, as atenções passam a convergir, não para uma classe social injustiçada, mas para um único indivíduo, Isaura; em outras palavras: resultante do cruzamento de duas raças — a negra e a branca —, sendo mestiça, portanto, ao mesmo tempo que seus característicos somáticos e morais diferem dos da raça negra, ela não apenas surge como elemento que "nega" sua ascendência, como ainda se incorpora a um outro grupo étnico — a raça branca. Daí resulta que:

"cônsua de sua condição, Isaura procurava ser humilde como qualquer outra escrava", (...) mas "transluzia-lhe, mesmo a despeito dela, no olhar, na linguagem e nas maneiras, certa dignidade e orgulho nativo, proveniente talvez da consciência de sua superioridade, e ela sem o querer sobressaía entre as outras, bela e donosa, pela correção e nobreza dos traços fisionômicos e por certa distinção nos gestos e ademanos" (2).

Donde ninguém a tomar por uma escrava, mas "antes por uma senhora mção, que, por desenfado, fiava entre as escravas" (3).

(1) Bernardo Guimarães — *A Escrava Isaura*, 5ª ed. São Paulo, Editora Melhoramentos, 1963.

(2) *Op. cit.*, p. 51.

Sob êsse prisma ,a raça negra, escrava, tem em Bernardo Guimarães um defensor pouco eficiente, pois fica implícito que os negros, no geral, não apresentavam condições reais de serem livres; Isaura, sim, e isto por méritos pessoais, seus e de mais ninguém, não extensivos à classe. Citem-se as palavras de Malvina:” — És formosa, e tens uma côr linda, que ninguém dirá que gira em tuas veias uma só gôta de sangue africano” (4). Pode-se perceber claramente que se armou uma situação subjacente: suas qualidades são exaltadas em contraposição aos “defeitos ”de sua origem (5).

Entretanto, com o surgimento de Alvaro, eis que os princípios abolicionistas são defendidos com entusiasmo marcante; já, agora, são colocados em xeque os valores da escravocracia, atingindo-se relativa universalidade na abordagem do problema. Mas explique-se melhor o que considero “entusiasmo marcante” a “universalidade” em Álvaro, dentro da própria tessitura do romance. Tal personagem é, à primeira vista, um entusiasta do movimento abolicionista, mas tão somente porque, quando êle se manifesta, o faz de modo impulsivo e entusiástico; mas essa manifestação dá-se apenas verbalmente, inexistindo a ação, o que deixa entrever certa debilidade, quando Alvaro defende suas posições.

Mas transcrevemos parte de um diálogo entre Álvaro e seu amigo, o advogado Dr. Geraldo, quando este afirma o seguinte:

“... — A lei no escravo só vê a propriedade, e quase que prescinde nêle inteiramente da natureza humana. O senhor tem direito absoluto de propriedade sôbre o escravo, e só pode perdê-lo manumitindo-o ou alheando-o por qualquer maneira, ou por litigio provando-se liberdade, mas não por sevícias que cometa ou outro qualquer motivo análogo”.

Ao que Álvaro retruca:

“— Miserável e estúpida papelada que são essas vossas leis. Para ilaquear a boa-fé, proteger a fraude, iludir a ignorância, defraudar o pobre e favorecer a usura e rapacidade dos ricos, são elas fecundas em recursos e estratégias de tôda a espécie. Mas quando se tem em vista um

(3) *Op. cit.*, p. 51.

(4) *Op. cit.*, p. 15.

(5) Sartre coloca bem o mesmo problema, quando trata do anti-semitismo. “Os judeus”, diz êle, “contam, entretanto, com um amigo: o democrata. Mas se trata de um pobre defensor (...) É possível discernir no democrata mais liberal um matiz de anti-semitismo: é hostil ao judeu na medida em que o judeu se atreve a pensar como judeu”.

fim humanitário ,quando se trata de proteger a inocência desvalida contra a prepotência, de amparar o infortúnio contra uma injusta perseguição, então ou são mudas, ou são cruéis” (6).

Note-se a ênfase nas afirmações de Álvaro. Quando, porém, êle se defronta com o escravocrata (Leôncio), o problema fica equacionado de outra maneira: Álvaro deixa de existir como abolicionista, para agir como um individuo que ama a Isaura (uma “não-escrava”, como vimos anteriormente). Entretanto, não nos descuidemos da concepção romântica da realidade: a herói romântico — e Álvaro o representa de forma bastante extrema — é, em regra geral, um ser humano que age em função de seu mesmo desequilíbrio e se realiza através dêle. Daí, e sob êsse ângulo, Bernardo Guimarães, ao tentar realizar a defesa do abolicionismo, fêz com que a questão fôsse colocada diferentemente: o abolicionismo, como doutrina social consentâneo, é apenas um “elemento de caráter” em Álvaro; o que importa para êste, no fundo, é a libertação de Isaura, nunca a luta pela libertação de uma classe oprimida. E o leitor atento atingirá a relativa universalidade de que falamos, apenas quando arrancar a máscara dessa personagem-clichê, e intuir a inautenticidade da posição por ela assumida. Um “mergulho às avessas”, eis o que se propõe a fim de desnudarmos o que de verdadeiramente universal falta à postura de Álvaro. Mas frise-se bem: longe de se pensar numa sutil ironia por parte do Autor, que justamente forçasse o leitor a dar êsse “mergulho às avessas”! Não foi o que evidentemente ocorreu: primeiro, porque se de fato houve essa intenção de Bernardo Guimarães, ela foi de tal modo sutil, que ficou apenas em intenção; e ainda, porque uma visão global da obra basta para demonstrar o “êrro de perspectiva” em que o escritor ouro-pretano incorreu.

À vista disso, fica patenteada a simpatia (e apenas isso) do autor d’O *Ermitão de Muquém* para com o movimento abolicionista no Brasil. Assentado êste fato, eis que nova perspectiva se abre: até que ponto a personagem Isaura simbolizaria o elemento da nova nação brasileira? As palavras de Henrique são bastante significativas “... é uma perfeita brasileira” (7) — assim se manifesta, categoricamente. E atente-se para o fato: ela é o resultado da união entre o português e o negro, os dois elementos que, ao lado do aborigene, forma-

(6) Bernardo Guimarães, *op. cit.*, p. 116.

(7) *Op. cit.*, p. 25.

ram nossa etnia. Assim, creio que se pode falar também em nacionalismo de parte do Autor, que paga seu tributo a um dos primados fundamentais do Romantismo: a defesa da nacionalidade.

Cuidarei agora de analisar a personagem central Isaura, e suas relações com as demais personagens. “Branca” de epiderme e de alma, ela é a grande injustiçada do romance. Assim, quando logo nas primeiras páginas, Isaura canta ao piano, e “o tom velado e melancólico da cantiga parecia gemido sufocado de uma solitária e sofredora” (8), ela se autodefine. Humildade extrema, amargor, melancolia, eis os traços fundamentais de sua conduta em face da realidade. Poder-se-ia concluir que sua moral é conseqüente de uma atitude cristã extremada, já que a esperança de um “reino” terrestre é, para ela, uma quase utopia... Daí seu sentimento do inexorável, do fatal, — suas aspirações não condizendo com sua condição de cativa, nada lhe restando senão extirpar da mente planos mais ousados, porque,

“Desd’o berço respirando
Os ares da escravidão,
Como semente lançada
Em terra de maldição,
A vida passo chorando
Minha triste condição”.

E

“Deu-me Deus um coração
Sòmente para penar”.

Assim,

“Cala-te, pobre cativa;
Teus queixumes crimes são;
É uma afronta êsse canto,
Que exprime tua aflição.
A vida não te pertence,
Não é teu teu coração” (9).

No tocante à relação de Isaura com seus senhores, entrevê-se o seguinte: o fato de ela diferenciar-se somática e inte-

(7) *Op. cit.*, p. 25.

(8) *Op. cit.*, p. 12.

(9) *Op. cit.*, pp. 12-13.

lectualmente da totalidade dos escravos determinou um abrandamento aparente da ortodoxa relação possuidor-coisa possuída, proprietário-propriedade. Empreguei o termo “aparente” por dois motivos: primeiro, porque Isaura sofre o conflito determinado pelo paradoxo de sua situação — ela,, escrava branca dotada de requisitos pouco comuns; depois, porque Leôncio intensifica, sempre que possível, o sentido da posse. Daí o beco sem saída para a mestiça: conformar-se com o cativo e procurar manter-se incólume às intenções dos poderosos, principalmente, Leôncio. Esta personagem, como no geral tôdas as outras, é caracterizada mercê de um exagerado emprêgo de adjetivos, daí em se tratando de Leôncio, a abundância de expressões como “devasso marido”, “libertino e execrável senhor”, homem dono de “lidibinosos desejos”, “sórdida avareza”, “execrandos fins”, “tirânicas vontades”, “infandos projetos”, etc.

Convém notar, ainda, que a relação Isaura-Leôncio e Malvina situa-se análogamente à relação de sua mãe com os pais dêste último. Esse fato, dentre outros, vem corroborar a linha maniqueísta pela qual o Autor se norteia — as personagens se manifestando inevitavelmente sob duas tendências, a do Bem e a do Mal. Desde o início elas surgem, por assim dizer, como são e não poderão jamais deixar de ser; e isso ocorre quer quando se manifestam diretamente (através da ação ou da palavra), quer quando o Autor, êle próprio, traça as bases de seus caracteres (das personagens). Dessa forma, o “grupo do Bem”, encerrando em si virtudes como a Justiça, Beleza, Bondade, Humildade, Espiritualidade, seria encarnado por Isaura, seus pais e por Álvaro, essencialmente; em plano ligeiramente secundário, por Malvina, pela mãe de Leôncio, pelo Dr. Geraldo e por Henrique. E “o do Mal”, por Leôncio, pelo comendador Almeida, por Martinho, pelo feitor Francisco e por Rosa. Claro está que a oposição radical entre essas duas tendências varia conforme a importância das personagens; e também, que há certas oscilações nesse choque de forças, o que, todavia, não contribui em muito para arrefecer a antinomia. Uma dessas oscilações dá-se com Malvina, que apesar de “môça ingênua e crédula, com um coração sempre propenso à ternura e ao perdão, deu pleno crédito a tudo quanto aprouve a Leôncio inventar não só para justificar suas faltas passadas, como para predispor o comportamento que daí em diante pretendia seguir” (10). Daí, a necessidade de enquadrá-la no

(10) *Op. cit.*, p. 141.

que designamos “grupo do Bem”. Embora o fato de ela ter feito certas concessões a Leôncio a colocar, por assentimento, como empecilho à vitória do “justo” sobre o “injusto” O mesmo se dá com a espôsa do comendador Almeida. Creio que apenas Belchior sairia incólume de uma classificação sumária das personagens de acôrdo com as duas direções citadas; e isso, porque, desprovido de senso moral, atingindo as raízes de um retardamento mental, sua consciência se limita apenas ao amor violento e contemplativo que dedica a Isaura.

Considerados os fatores de relação entre Isaura e seus proprietários, vejamo-la em face de Álvaro. Aí, dá-se uma feliz coincidência: o amor que êle consagra a Isaura, e no qual é também correspondido, dar-lhe-á ensejo de praticar um gesto que ratificará seus princípios ideológicos: ao mesmo tempo que consegue uma espôsa, dá liberdade a mais um (?) escravo. A atitude de Isaura perante êle pouco difere de suas “diretrizes de vida” assentadas basicamente na cantiga (pp. 12-13), da qual já foram citados fragmentos. Certos desvios em sua atitude posterior, são devidos ao fato de ela amar verdadeiramente a Álvaro, mas mesmo assim, essas nuances são quase imperceptíveis.

A fim de que se chegue a outras conclusões, localize-se historicamente a obra. Publicada pela primeira vez em 1875, *A Escrava Isaura* originou-se numa época em que se esboçava a marcha para a concretização do abolicionismo no Brasil. Entretanto, a escravidão tinha ainda raízes profundas, e mesmo um mestiço (caso de Isaura) sofria as vicissitudes da organização jurídica do país. Castro Alves, que morria pouco antes do surgimento da obra em análise — 4 anos antes —, já havia bradado enfaticamente contra essa organização que preservava o direito de se possuir uma pessoa humana. E as manifestações da maioria dos intelectuais dêsse momento histórico convergiam para uma repulsa ao estado de coisas vigente. Bernardo Guimarães não fugiu à regra: são plenamente visíveis suas aspirações, quando se toma contacto com seu mais divulgado romance. Todavia, após sua leitura, não se consegue apreender a realidade social de uma época; o choque entre o escravo e o senhor de terra dá lugar ao choque entre indivíduos isolados; ao invés de ocorrer a vitória do abolicionista sobre o escravocrata, há a vitória pessoal de Álvaro sobre Leôncio. A degradação dêste e de Martinho, por exemplo, tem o caráter de exclusividade e não chega nunca a universalizar-se como ocorre com a vileza dum Lemos, em *Senhora*, de Alencar. E isso tudo, como fruto da técnica narrativa do autor d'*O Garimpeiro*.

N'A *Escrava Isaura*, romance de 164 páginas, as ações se desenvolvem com extrema rapidez; passa-se de um momento narrativo para outro sem grandes dificuldades. E eis-nos, leitores, atraídos pela verdadeira torrente de imprevistos que surgem a cada passo. Daí, a grande popularidade da obra: *muitos momentos com abertura para muitos possíveis, o happy-end* constantemente ameaçado pela presença aterradora do vilão Leôncio. E como em grande parte dos romances românticos, eis que, no final, surge o dedo do Autor a ajudar os heróis a se desvencilharem dos atravancos — Leôncio arruinando-se, e Álvaro adquirindo os títulos e promissórias por êle assinadas.

O abuso da caracterização indireta é outro recurso largamente explorado por Bernardo Guimarães. Selando de antemão a sorte das personagens, o leitor sofre (e/ou conscientiza) a coação exercida pelo Autor: a personagem agindo em função de uma “rotulagem” prévia, e não a personagem “rotulada”, por ter agido desta ou daquela maneira. E justamente êsse taxar apriorístico, mercê de um processo de exagerada adjetivação, é que faz com que a obra se torne totalmente falta em análise psicológica. As personagens se movem sem um maior dinamismo psíquico, sendo essa ausência provocada tanto pelo fato da adjetivação constituir-se num dos grandes fulcros da narrativa, como pelo rápido acúmulo de situações concretas num romance, relativamente, de pouca extensão.

Caberiam, ainda, algumas considerações no tocante ao “espaço” no romance. Após a leitura integral (e mesmo após uma leitura parcial), verifica-se a primazia do rural sôbre o urbano, isto é, a narrativa se desenvolve acentuadamente imersa num “clima” rural, dado por determinada fazenda vizinha à vila de Campos, no município de Campos dos Goitacazes, Estado do Rio. O meio urbano surge como decorrência do rumo tomado pelos acontecimentos no decorrer da narrativa: nos primeiros momentos, apenas através de ligeiras referências, e posteriormente, como local de ação, Recife no caso.

Evidentemente, essa preferência ao rural está em íntima conexão com o núcleo da temática. Se partirmos do pressuposto que Isaura é uma personagem totalizante (quer dizer, tanto cativa como branca, tanto escrava como distinta do ambiente de que proveio), e que ela é o centro de tôda a trama, seria lógico (como o foi) que o Autor procurasse, também a partir do “espaço”, realçar-lhe as virtudes; tendo livre acesso à casa de seus senhores (“espaço” privado ao escravo), ela mais se distancia, intrinsecamente, da senzala (“espaço”, enfim, destinado aos cativos).

Quando as ações passam a ter Recife como palco, devido à fuga de Isaura e seu pai para lá, dá-se a inserção de um novo espaço social-aquêlê conferido a um “grande número de cavalheiros e damas das mais distintas e opulentas classes” (11). E nesse meio, Isaura sobressai-se entre tôdas as outras damas, sendo total sua integração. Mas uma vez torna-se impossível ver nela o mínimo gesto que pudesse denunciar sua origem; novamente ela “repudia” seus antecedentes.

Se manipulado de maneira diversa, o “espaço” poderia ter dado novas dimensões à obra, de forma a acentuar as diferenças essenciais entre dois mundos — o do escravo e o do senhor. Para tanto, o local teria de surgir como elemento diferenciador de duas realidades sociais. Mais uma vez — e para que não se abandone o terreno do romantismo brasileiro reportemo-nos a *Senhora*, onde a descrição de objetos isolados acaba por compor um arcabouço significativo, que, ligando-se fortemente à espinha dorsal do entrecho, auxilia-nos sobremaneira numa compreensão mais globalizante dos momentos conflitivos. Não foi o que se deu n’*A Escrava Isaura*, onde o “espaço” caracteriza as duas realidade de um mesmo individuo — Isaura.

A preocupação do paisagístico — descrições impregnadas de minuciosidade e grandeza — é um fator preponderante apenas nas primeiras páginas. Aí, onde a natureza surge como elemento decorativo, há a ausência da contensão, em favor de uma linguagem extravasada; e os pormenores da paisagem são intencionalmente realçados.

“Era por uma linda e calma tarde de outubro. O Sol não era ainda pôsto, e parecia boiar no horizonte suspenso sobre rolos de espuma de côres cambiantes orlados de fêveras de ouro. A viração saturada de balsâmicos eflúvios se espreguiçava ao longe das ribanceiras acordando apenas frouxos rumores pela copa dos arvoredos, e fazendo farfalar de leve o tope dos coqueiros, que miravam-se garbosos nas lúcidas e tranqüilas águas da ribeira” (12).

Mas, à medida que a trama avança (cèleremente, por sinal), essa atenção especial dedicada ao paisagístico é atenuada pelo advento dos vários “momentos críticos”; tanto assim, que após as descrições iniciais da fazenda, rara vez o Autor se detém num exame rigoroso da paisagem, do local.

Favorecendo sobremaneira a leitura como simples evasão, *A Escrava Isaura* comoveu e ainda comove o público leitor bra-

(11) *Op. cit.*, p. 71.

(12) *Op. cit.*, p. 11.

sileiro. O que não significa, de modo algum, que se constitua numa grande criação literária que o romantismo do Brasil nos legou.

BIBLIOGRAFIA

GUIMARÃES, Bernardo — *A Escrava Isaura*, 5ª ed. São Paulo, Editôra Melhoramentos, 1963, 164 pp.

SARTRE, Jean-Paul — “Reflexões sôbre a questão judaica”. In: SARTRE, Jean-Paul — *Reflexões sôbre o racismo*, 3ª ed., São Paulo, Difusão Européia do Livro, 1963.

LUKÁCS, George — “Narrar ou descrever”. In: LUKÁCS, George — *Ensaio sôbre Literatura*, 1ª ed., Rio de Janeiro, Editôra Civilização Brasileira, 1965.